

IAN HACKING, ACERCA DO REALISMO INTERNO

Francisco de Assis Silva Neto*
Sarah Beatriz Sousa Carvalho*

Resumo: A presente proposta de ensaio, versará acerca da obra de Ian Hacking (1936-*), intitulada de *Representar e Intervir: Tópicos introdutórios de filosofia da ciência natural* (2012), mais especificamente o capítulo denominado de *realismo interno*. Nosso intuito com esse recorte temático é explicitar os argumentos críticos do filósofo canadense acerca do que tange a mudança de postura filosófica de Hilary Putnam (1926-2016) do realismo para o antirrealismo. Tanto quanto suas implicações conceituais para o realismo científico do qual Hacking é partícipe e defensor.

Palavras-chave: Hacking. Argumentos. Críticos. Putnam. Antirrealismo.

IAN HACKING, ABOUT INNER REALISM

Abstract: The present essay proposal will deal with the work of Ian Hacking (1936-*), entitled *Representing and Intervening: Introductory Topics of Philosophy of Natural Science* (2012), more specifically the chapter called internal realism. Our purpose with this thematic cut is to explain the critical arguments of the Canadian philosopher about what concerns the change of philosophical posture of Hilary Putnam (1926-2016) from realism to anti-realism. As well as its conceptual implications for the scientific realism of which Hacking is a participant and defender.

Keywords: Hacking. arguments. critics. Putnam. Anti-realism.

Introdução

Antes de quaisquer reflexões e elucidações acerca da postura de Ian Hacking (1936-*), tanto quanto do referente a Hilary Putnam (1926-2016), seu principal opositor no capítulo acerca do *realismo interno*, se faz necessária uma exposição prévia e panorâmica acerca de tais posturas, de modo a tornar nossa explanação posterior, coerente e inteligível.

* Possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Piauí, mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI- PPGFIL). Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (PPGFIL-UFC). E-mai: chiconeto1910@hotmail.com

* Graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Com pesquisa com ênfase em Bioecologia de Crustacea, bem como Filosofia da Ciência. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6121062149144599>. E-mail: sarahbeatriz2101@gmail.com.

Tal movimento de retorno e construção, se faz necessário pelo fato de estarmos tratando especificamente de um capítulo da referida obra, a saber, *Representar e Intervir: Tópicos introdutórios de filosofia da ciência natural* (2012), publicada pelo filósofo canadense em 1983. Logo e inevitavelmente, deixando aspectos de sua constituição sem o devido aprofundamento. Porém, esse exercício não nos parece implausível, uma vez que é da natureza de nossa proposta, a saber, a de um ensaio científico. Todavia, quando considerarmos pertinente, recorreremos a outras fontes, de modo a apresentar um arcabouço teórico mais abrangente.

Outrossim, propomos elucidar as duas formas de conceber a questão do realismo no movimento de desconstrução da postura de Putnam, que é elaborado por Ian Hacking. O filósofo americano, na visão do filósofo canadense, tornou-se algo próximo de um antirrealista. Enquanto Hacking, por sua vez, é defensor de um realismo científico. Logo, pretendemos elucidar essas posturas, sem ter como pretensão abarcar a totalidade e complexidade da questão. Visando não cair em divagações e precipitações teóricas.

O segundo movimento conceitual desta proposta de ensaio científico, se dará com a aproximação do pensamento de Putnam ao realismo e idealismo atribuídos a Immanuel Kant (1724-1804), especialmente em sua obra denominada de *Crítica da Razão Pura* (2001) nos moldes de como é concebido pelo realista científico. Será, portanto, sob essa esfera interpretativa, que proporemos estruturar esta proposta de pesquisa. Clarear as intenções de Hacking por traz das críticas a ao americano, será esse, o objetivo principal e o gatilho teórico deste ensaio.

1. Hacking contra Putnam

Ian Hacking, traz como princípio do capítulo, sua impressão acerca do conteúdo que pretende elucidar ao leitor. Especulando que: “É, provavelmente, irrelevante para o realismo científico e poderia, portanto, ser omitido.” (HACKING, 2012. p. 167). O autor está fazendo referência a um novo modelo de realismo que está sendo defendido por Hilary Putnam e traz o título de *realismo interno*, todavia em sua constituição, segundo Hacking, assemelha-se a um idealismo.

O filósofo canadense acusa Putnam de estar fora do debate entre realismo científico e antirrealismo (a grosso modo, debate entre entidades observáveis e entidades teóricas), por sua nova proposta de filosofia se fundamentar em reflexões que

nada poderiam acrescentar ao debate que anteriormente estava imerso. Hacking argumenta que

Tudo que Putnam diz agora ignora isso. Assim deveria ser. Sua filosofia é fundamentada em reflexões a respeito da linguagem, e nenhuma filosofia desse tipo pode ensinar nada de positivo sobre a ciência natural. (HACKING, 2012, p.167)

Entretanto, a partir do que foi posto anteriormente, podemos deduzir que se Hacking argumenta que Putnam mudou de postura, logo podemos especular que seu posicionamento anterior, estava de comum acordo com uma proposta realista científica. Como nos esclarece Croteau

O próprio Putnam, antes pioneiro e defensor do realismo, chega agora a defender um tipo de antirrealismo, que ele denomina ‘realismo interno’ uma espécie de idealismo que nega o realismo metafísico. (CROTEAU, 2005, p.10)

Acerca da afirmação anterior que irá se constituir a espinha dorsal de nossa proposta e toda a discussão de Hacking. Possuindo como pedra de toque o novo posicionamento filosófico de Putnam, que agora destoa de um realismo científico e parece erroneamente tendencioso a um antirrealismo, com aproximações de um idealismo. Entretanto, o filósofo canadense não renega por completo o trabalho do pensador americano, ao afirmar que: “Além disso, uma vez que ele encontra um predecessor em Kant, podemos trazer à tona o tipo de idealismo e realismo do próprio Kant.” (HACKING, 2012, p.167).

Propomos, sob a esteira do pensamento de Hacking, no referido capítulo, expor a estruturação idealista e realista de Kant, visando, assim como o autor, estabelecer um paralelo de proximidade com a nova proposta filosófica de Putnam.

2. Putnam, uma distinção interna

Antes de adentrar na concepção kantiana, o autor canadense traz para o corpo do texto uma cisão entre *realismo externo* (antiga postura de Putnam) e *realismo interno*. O internalismo de Putnam é um opositor do externalismo que é pensado por Hacking. De modo a tornar esse aspecto da discussão mais claro, o autor traz, nas palavras de seu opositor, um resumo de cada uma dessas posturas e de como a verdade é pensada em cada uma delas. Para a perspectiva externalista

O mundo consiste em uma totalidade fixa de objetos independentes da mente. Existe uma descrição completa e verdadeira do modo como o mundo é. A verdade envolve certa correspondência entre as palavras ou símbolos do pensamento e as coisas externas, ou os conjuntos das coisas. (PUTNAM apud HACKING, 2012, p.168)

Como contraponto a sua própria concepção externalista, anteriormente apresentada, Hilary Putnam desenvolve uma postura a que denominou de internalista, que possui sua própria concepção acerca da existência dos objetos no mundo e da ideia de verdade. Em conformidade com isso, Hacking nos traz a reflexão de Putnam

De que objetos consiste o mundo? É uma pergunta que só faz sentido dentro de uma teoria ou descrição. [...] A verdade, segundo a visão internalista, é um tipo de aceitabilidade racional (idealizada) – algum tipo de coerência ideal de nossas crenças umas com as outras e com as nossas experiências, como aquelas experiências são representadas em nosso sistema de crenças. (PUTNAM apud HACKING, 2012, p.168)

Putnam rejeita o realismo externo, porque não existe correspondência entre minhas palavras, nos moldes do que é falado pelos indivíduos e um conjunto independente da mente. Não existem, portanto, “objetos” que possam ser independentes de nossos esquemas conceituais. Dito isto, Hacking evidencia, muito brevemente, que existe muita proximidade entre o internalismo de Putnam e o pragmatismo.

Em contrapartida a ideia internalista de Putnam, que pensava que os objetos do mundo não poderiam ser pensados fora de uma teoria ou descrição, Hacking se coloca contrário a essa ideia, como um externalista. Por não partilhar da concepção de uma teoria completa que possa abarcar o universo ou a totalidade dos objetos que se constituem no mundo. Apontando que qualquer ideia que vise uma descrição exaustiva do mundo, será destituída de sentido.

A discussão entre realismo científico e antirrealismo é uma das engrenagens fundamentais nos debates acerca da Filosofia da Ciência. A partir dessa afirmação, podemos propor, partindo de Ian Hacking, que o realismo científico nos propõe que entidades inobserváveis, a exemplo de: “mésons e múons, são tão reais e nossos, quanto macacos e almôndegas.” (HACKING, 2012, p.171). Contrário a isso, a postura antirrealista de Putnam, propõe que qualquer debate acerca de entidades não observáveis se trata apenas de uma construção intelectual, chamando esse embate de “guerra colonial”.

Estendendo a metáfora das guerras teóricas, Hacking nos traz o conflito entre dois pensadores, a saber, John Locke (1632-1704) e George Berkeley (1685-1753), a

qual denominou de guerra civil. Propondo Locke enquanto um realista, que por sua vez: “diz que diversas entidades familiares possuem uma existência independente de nossos estados mentais.” (LOCKE apud HACKING, 2012, p.171). E Berkeley como um idealista por supor que tudo é oriundo do mental.

Como partícipe dessa discussão, surge a figura de Kant que irá se empenhar em elaborar uma síntese entre essas duas posturas. E propor que tanto os eventos mentais como os eventos materiais, podem de fato ocorrer com a mesma certeza. Dito isso, propomos, sob esteira interpretativa de Hacking, expor o modo como o filósofo alemão concebe essa síntese teórica.

3. A síntese kantiana e as coisas em si

Como alternativa para sanar o conflito entre Locke e Berkeley, a síntese de Kant parte da ideia de que eventos materiais ocorreriam no espaço e no tempo, portanto seriam externos a nós e que eventos mentais ocorreriam no tempo, mas não no espaço, portanto seriam internos. Desse modo, descreve a si mesmo como um: realista interno e idealista transcendental. Como expõe Hacking

Kant assistiu a seus predecessores engajados na guerra civil. De um lado, havia a tese de Locke, que Kant denomina o *realismo transcendental*: realmente existem objetos lá fora, e nos inferimos sua existência e suas propriedades a partir de nossa experiência sensível. De outro, havia a antítese de Berkeley, a qual Kant chamava de *idealismo empírico*. De acordo com essa posição, a matéria não existe; tudo o que existe é mental. (HACKING, 2012, p.172)

A proposta de sintetização kantiana, pensa as instâncias do tempo e do espaço como condições a percepção¹³⁰ de alguma coisa enquanto um objeto existente no mundo real. Nesse sentido, Kant nos apresenta na primeira parte da *estética* transcendental, sua concepção de tempo

O tempo é uma representação necessária que constitui o fundamento de todas as intuições. Não se pode suprimir o próprio tempo em relação aos fenômenos em geral, embora se possam perfeitamente abstrair os fenômenos do tempo. O tempo é, pois, dado *a priori*. (KANT, 2001, A31)

¹³⁰ Nesse sentido: “Como o espaço nada mais é que a forma necessária da representação externa presente nos sujeitos racionais e finitos, todo objeto externo que afeta o sujeito traz junto desta representação a estrutura espacial indispensável à sua composição” (OLIVEIRA, 2017, p.43) Nesses moldes de Hacking está tentando nos apresentar a questão.

Desse modo, Hacking descreve as categorias desenvolvidas por Kant e concebe o *realismo empírico* como assegurador da “validade objetiva do espaço em relação ao que quer que possa ser apresentado a nós externamente como um objeto.” (KANT apud HACKING, 2012, p.173) ao mesmo passo que também é um *idealismo transcendental* que pensa o espaço como

O espaço é uma representação necessária *a priori*, que fundamenta todas as intuições externas. Não se pode nunca ter uma representação de que não haja espaço, embora se possa perfeitamente pensar que não haja objetos alguns no espaço. Consideramos, por conseguinte, o espaço a condição de possibilidade dos fenômenos, não uma determinação que dependa deles; é uma representação *a priori*, que fundamenta necessariamente todos os fenômenos externos. (KANT, 2001, A24, B39)

Em última instância, a perspectiva kantiana está concebendo o modo como percebemos o mundo e como interagimos com ele, levando em consideração, principalmente as instâncias de tempo e espaço como internas e externas a nós, respectivamente. Uma vez que o *realista empírico*, também é um *idealista transcendental*, argumentando que nosso conhecimento diz respeito aos fenômenos e aos objetos que estão no mundo fenomenal.

Dentro do corolário que estamos expondo, Kant concebe uma instância da realidade que não é fenomenal, portanto, não está acessível ao nosso conhecimento, esse aspecto seria o númeno ou a categoria das coisas em si. Em relação a isso Hacking, argumenta que Putnam é partidário¹³¹ dessa ideia.

Segundo Hacking, a maioria dos estudiosos destoam da concepção kantiana acerca do mundo numênico. Putnam, ao contrário, é um partidário dessa ideia, por considerar que não podemos descrever ou interagir com o que Kant denominou de coisas em si. Todavia, Hacking nos apresenta um contraponto

Tem havido tradições interpretativas bem diferentes. Uma delas defende que entidades teóricas são as coisas em si de Kant. Para mim, era isto que defendia J.M Apère (1775-1836), o fundador da teoria do eletromagnetismo. Profundamente influenciado por Kant, ele não poderia tolerar os impulsos antirrealistas que vigoravam pelo mundo a fora. Ele insistia que podíamos postular coisas numênicas, e mesmo

¹³¹ Nesse sentido, pretendemos resgatar o ponto anterior do realismo interno de Putnam. Desse modo, o que Putnam considera como numênico é precisamente as entidades postuladas pelo realista científico. A exemplo de partículas micro componentes da realidade, como mencionado por Hacking no exemplo sobre mésons e múons.

leis regendo suas relações, as quais deveriam ser postas à prova pela experiência. (HACKING, 2012, p.175)

Segundo Hacking, tendo em vista a equivalência desenvolvida por Ampère, tanto coisas em si, como entidades teóricas, poderiam ser pensadas e mesmo postas a prova por teorias científicas que pudesse verificar a plausibilidade de suas constituições teóricas. Portanto, trazendo consigo uma crítica ao idealismo kantiano, ao mesmo passo que critica o internalismo de Putnam, por adotar uma perspectiva semelhante.

Hacking não deixa claro nesse capítulo da obra que estamos esmiuçando, mas faz-se necessário explicitar que comumente; entidades teóricas seriam postulados científicos que fornecem alicerce para as leis naturais. Enquanto as coisas em si de Kant e Putnam, são partes componentes da realidade, entretanto são inacessíveis à cognição humana. Esse, portanto, é o elo de aproximação do internalismo de Putnam e o idealismo de Kant.

4. Nominalismo de Putnam

Segundo Hacking, a filosofia kantiana chamava a si mesma de *idealista transcendental*, todavia, por mais que os argumentos de Putnam se aproximem, em certos aspectos, dos de Kant e Hacking compreenda ambos como antirrealistas, Putnam, segundo o filósofo canadense, mais parece um *nominalista transcendental*. Como expõe Hacking: “O idealismo é uma tese a respeito da existência. Em sua forma extrema, diz que tudo é mental, ou seja, é uma produção do espírito humano. [...] O nominalismo é uma tese a respeito da classificação.” (HACKING, 2012, p.186)

Partindo desse pressuposto, Hacking afirma que tanto o idealismo, quanto o nominalismo, fazem referência ao mesmo pressuposto teórico, ou o mesmo tipo de pensamento, a saber, tudo que existe são ideias. E afirma que o realismo é uma proposta de oposição a ambas as teorias. Dito isso, Hacking faz uma síntese do realismo interno de Putnam, afirmando que

O realismo interno de Putnam, no final das contas, diz o seguinte: dentro do meu sistema de pensamento, eu me refiro a diversos objetos e digo várias coisas a respeito desses objetos, algumas verdadeiras e outras falsas. Entretanto, me é impossível sair do meu sistema de pensamento; é impossível que eu venha a manter algum princípio de organização das referências que não seja parte de meu próprio sistema de classificação e denominação. É disso precisamente que trata o realismo empírico e o nominalismo transcendental. (HACKING, 2012, p.187)

Portanto, em última instância, o autor nos afirma que proposições da linguagem ou constituições teóricas que tentem reduzir o mundo a fenômenos mentais. E que se furtem do debate ou postulado de entidades não observáveis, são posturas antirrealistas, logo, equivocadas e nada podem acrescentar às problemáticas das ciências naturais, que era o principal intuito e subtítulo da obra do filósofo canadense. Apesar que não ignorá-las por completo, afirmando que possuem sua validade, afirma que devem ser repensadas.

É necessário ressaltar que a obra que fazemos referência data de 1983 e que a postura realista de Putnam, sofre outra transformação por volta da década de 90 para o que seus comentadores chamam de *realismo natural*¹³². No qual comunga, em partes, para reformular sua postura, de elementos da filosofia de Willian James (1842-1910). Essa constituição pode ser observada em sua obra intitulada de *Corda tripla: mente, corpo e mundo* (2008), mais especificamente no ponto acerca da *Antinomia da razão*, primeira parte da referida obra.

Considerações finais

Ancorada em toda a discussão anteriormente exposta, esse ensaio científico teve como intuito principal, expor de modo claro e conciso, a argumentação de Ian Hacking, acerca da nova filosofia de Hilary Putnam, o *realismo interno*. De modo a evidenciar como o filósofo americano rompeu com uma postura outrora realista, para rumar a uma postura antirrealista com flertes com o idealismo, em especial, o atribuído a Kant.

Para tornar nossa tarefa inteligível, elegemos pontos principais do capítulo acerca do *realismo interno*, de modo a dar mais ênfase a distinção entre realismo e antirrealismo, a saber, o primeiro aspecto da crítica de Hacking a Putnam. Sem perder o fio condutor de toda a discussão do capítulo.

Ao passo que elucidamos a argumentação do filósofo canadense, contra o americano, trouxemos aspectos que Hacking evidencia, como a ideia de Putnam possuir como predecessor, em certos aspectos, o pensamento do filósofo alemão Immanuel Kant. Deste modo, expomos de modo panorâmico como Hacking traz a filosofia kantiana para o corpo do texto, dando voz, sempre que possível, ao próprio Kant.

¹³² Para uma melhor compreensão da questão e que nos é inviável expandir em um trabalho dessa natureza, recomendamos a leitura de: *Um estudo do argumento do milagre na defesa do realismo científico* (2015).

Propusemos uma aproximação, aos moldes da concebida pelo realista canadense, entre a nova postura de Putnam e um dos pontos de intercessão dessa nova constituição teórica com a proposta de epistemologia pensada por Kant. Demonstrando, logo em seguida, como o filósofo canadense concebe a teoria de Putnam como um nominalismo transcendental.

Por fim, apontamos, por mais que brevemente, que existe uma terceira virada conceitual no pensamento de Hilary Putnam. Nesse ponto, classifica a si mesmo como um *realista natural*. De modo a buscar evidenciar que a crítica de Hacking só remete a um momento específico de sua obra, portanto, não deve ser interpretada como capaz de abranger sua totalidade.

É inegável que tanto Ian Hacking quanto Hilary Putnam, são pensadores de extrema relevância para o cenário filosófico atual, em áreas que vão além da Filosofia da Ciência. Portanto não estabelecemos qualquer hierarquia de posturas ou pertencimento teórico em ambos os autores.

Não tivemos por intuito um esgotamento ou qualquer excessiva explanação teórica sobre a relação entre esses autores. Ao contrário, tivemos por intuito uma elucidação de problemáticas extremamente fecundas no seio da filosofia das ciências. De modo a corroborar de alguma forma com o debate que está sendo construído acerca dessas perspectivas.

Referências

- CROTEAU, J.B. **Podemos fazer ciência sem teorias? Um estudo sobre o realismo de entidades & O anti-realismo de teorias de Hacking e Cartwright.** 2005. 150. Dissertação de mestrado em filosofia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- HACKING, Ian. **Representar e intervir: tópicos introdutórios de filosofia da ciência natural.** Tradução: Pedro Rocha de Oliveira. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura.** Trad. Manuela Pinto dos Santos, Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste, 2001.
- OLIVEIRA, M.F.D. Espaço, intuição e fenômeno na Estética Transcendental. In: **Kant e-Prints.** Campinas, Série 2, v. 12, n. 2 (especial), pp. 28-49, maio-ago, 2017.
- PUTNAM, Hilary. **A tripla corda: mente, corpo e mundo.** Trad. L. Teopisto. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

SOUSA, E.A. **Um estudo do argumento do milagre na defesa do realismo científico**, 217, Tese (doutorado) – Curso de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.